Divulgação



Nem Hollywood dá conta do Celacanto que provoca maremoto e cospe raios que está lotando os cofres japoneses em 'Minus Zero'

O rei (dos monstros) voltou

Vindo do Japão, 'Minus Zero' destroça concorrências e peita até produções de Hollywood apoiado na força pop do gigantesco Godzilla, criado em 1954 e laureado com um Oscar em 2024

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Um dos primeiros caça-níqueis de Hollywood agendados para 2027 é "Godzilla e Kong: Supernova", que explora o combate entre leviatãs ancestrais da Terra. Desde 2014, o monstro verde que hoje une forças ao gorila mais famoso da ficção vem dando um troco legal para os estúdios dos EUA, mas é em sua terra natal, o Japão, que ele faz a festa... e há 72 anos. Tem um respeito tão grande pelo bicho que seu filme original, "Gojira", de 1954, ganhou sessão de gala na Berlinale, 2024, comemorando suas sete décadas de existência.

A celebração tinha um motivo nobre, a obra-prima de sua franquia, de CEP nipônico, "Godzilla Minus One", de 2023, foi coroada com um Oscar, o de Melhores Efeitos Visuais, e, de quebra, arrecadou US$ 113 milhões planeta adentro, transformando-se num dos maiores fenômenos pop da indústria japonesa – pátria de Akira Kurosawa, Yasujiro Ozu, Hayao Miyazaki e outras divindades - nas telas. É por conta destas vitórias todas que, neste momento, há "Minus Zero" em circuito... a lotas salas de projeção... no Rio e no mundo todo. Superproduções faladas em inglês andam perdendo feio para ele nos multiplexes.

Embora hoje ande encantado com "O Sentido da Vida" ("Soudain"), de Ryusuke Hamaguchi, que é seu representante oficial na busca por indicações a estatuetas hollywoodianas (e tem uma sessão no Rio nesta terça, às 18h50, no Estação Claro Rio), o Japão encontra em seu mais novo Godzilla uma fonte de lucro rara.

Toho.Co



O Godzilla original, de 1954, foi recauchutado pela Berlinale

Lançado em sessão especial no Festival de Nova York, o longa é uma produção de US$ 10 milhões que faturou cerca de 60% desse valor em seus três primeiros dias em cartaz em Tóquio. O que tem de bonequinho, de caneca e de camiseta com as feições escamosas do Celacanto que provoca maremoto (e destrói prédios) hoje à venda é de impressionar o mais ambicioso dos mascates.

Pedra fundamental desse império, "Gojira" foi dirigido na primeira metade da década de 1950 por Ishirô Honda (1911-1993), cineasta responsável pela criação do rei das bestas colossais ao lado de Tomoyuki Tanaka e Eiji Tsuburaya. Em sua trama, Godzilla é um ser pré-histórico que ganha proporções GG e uma série de poderes atômicos, numa ressaca dos testes nucleares da II Guerra Mundial.

Foi "Minus One" quem melhor explorou essa origem histórica. É o 37º longa sobre o bichão cospe-raios. A direção de Takashi Yamazaki impressionou a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas hollywoodiana. Fiel ao legado de honda, ele filmou na região insular de Konshu, de março a junho de 2022.

O realizador deu à trama um timbre de folhetim, sem descuidar das sequências de ação e de quebra-quebra por um Japão assombrado pela explosão de bombas em Hiroshima e Nagasaki, em 1945.

Takashi também dirige "Minus Zero". A trama se passa em 1949, dois anos depois dos acontecimentos de Godzilla Minus One. O Japão ainda tenta se reerguer dos estragos da Segunda Guerra Mundial e da devastação provocada pelo monstro. O antigo piloto kamikaze Koichi Shikishima, novamente vivido por Ryunosuke Kamiki, agora divide a vida com Noriko (Minami Hamabe) e a filha adotiva Akiko. A aparente estabilidade dessa família é ameaçada quando uma nova criatura surge para espalhar destruição pelo território japonês.

O adversário atende pelo nome de Ghidorah. Inicialmente apresentado como um ser de uma só cabeça, capaz de disparar raios pela boca, ele se transforma numa entidade dourada de três cabeças e duas caudas, dotada de uma força devastadora. Cientistas identificam sua origem extraterrestre e tentam compreender a natureza do inimigo, enquanto o governo organiza uma operação para detê-lo. Os ataques, porém, não conseguem impedir a escalada da violência. Diante do fracasso das armas convencionais, a reaparição de Godzilla passa a ser encarada como a única possibilidade de conter a ameaça.

A batalha entre os dois gigantes coloca Shikishima novamente diante de seus traumas e de uma escolha que ameaça sua tentativa de reconstruir a vida.

O cientista Kanji Murakami, interpretado por Min Tanaka, também carrega as cicatrizes da guerra: sobrevivente do bombardeio de Hiroshima, ele alimenta um desejo de vingança contra os Estados Unidos e pretende transformar Godzilla numa arma. A narrativa, assim, não se limita ao espetáculo de prédios em ruínas e criaturas colossais. O conflito entre os monstros prolonga a discussão sobre as consequências da violência humana, a memória da guerra e o risco de instrumentalizar forças que ninguém consegue controlar.

A produção também entra para a história técnica do cinema japonês como a primeira filmada para o formato IMAX, ampliando a escala das sequências de destruição concebidas por Yamazaki. A longevidade de Godzilla está justamente nessa capacidade de mudar sem abandonar suas raízes monstruosas.